

O homem e o corpo

Ivi Fuentealba Villar¹

O conto “O homem e o corpo” foi escrito há uns dez anos ou mais, quando ainda cursava letras na UFSC. Foi uma experimentação com a língua francesa, e também uma experiência de expressão através da linguagem escrita, de algo que havia começado como desenho.

Assim, o conto foi escrito originalmente em francês e, somente depois, traduzido em português (fiz a tradução a fim de publicá-lo em um blog literário experimental que mantinha na época da faculdade). Foi também uma experiência de reflexão entre a linguagem pictórica e a escrita: havia feito um desenho, um grafite sobre papel que acabou se transformando em pastel colorido e, algum tempo depois, em acrílica sobre papel. Este desenho, ali, exposto sobre a escrivaninha, acabou dando nascimento a este pequeno conto que, apesar de ter sido escrito em língua francesa, traz alguma referência à cultura neerlandesa. Eu acabara de chegar da Holanda, onde havia passado um bom tempo observando de perto as pinturas de Vincent van Gogh, no Museu van Gogh em Amsterdam, cidade onde viveu o grande poeta e dramaturgo neerlandês Joost van den Vondel, um dos principais poetas holandeses do século XVII.

Quando Vincent abriu os olhos, ainda um pouco aturdido pela queda, ela estava lá, de costas. Parecia perto. Na Medida em que a poeira baixava, podia vê-la com mais e mais clareza: sim, era uma mulher. Seu corpo, na horizontal, estendia-se até o infinito, lá onde o olhar não alcança mais. Tinha curvas tão sinuosas que poderia se jogar ali e divertir-se como uma criança, deslizando em um enorme tobogã de brinquedo.

Vincent van den Vondel, um homem comum, trivial como um carteiro que passa toda manhã, esfregou os olhos e beliscou-se, a fim de ter certeza de tal vislumbre. Era real.

Levantou-se então. Ao fazer isso, este homem que pensava já ter vivido o suficiente, deu-se conta de que a vida lhe reservava ainda uma experiência inusitada. De um salto pôs-se de pé, respirou profundamente, dobrou os joelhos para melhor alcançar

¹ Graduada em Letras-Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Literatura e, atualmente, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, também na UFSC. E-mail: ivivillar@gmail.com.

velocidade e correu em direção a ela. Correu. Correu sentindo o vento despenteando seus cabelos, correu com os braços abertos e a felicidade que gritava: “Vai! Vai! Seja leve, livre como uma criança!”.

Mais Vincent corria, mais ela parecia grande. Era como uma montanha no horizonte, sinuoso traço delimitador de céu e terra que cresce na medida em que nos aproximamos. Alcançou-a. Agarrou por baixo, com respeito, a extremidade do dedinho de um dos pés que repousavam sobre a grama e escalou com euforia, mas cuidadosamente. O tempo poderia parar. Ele escalaria por toda a eternidade. Deslizaria como agora, até a morte, cada centímetro de pele, experimentando o cheiro de suor desta tortuosa montanha. Era realmente divertido.

Nosso homem podia ter parado por aqui. Já tinha se divertido bastante. Mas não. Quando nos aproximamos realmente de uma mulher, não é fácil se distanciar. Ele não sabe mais, hoje, se foi a cor rosa daquela pele que o seduzira, ou a curiosidade de explorar o desconhecido que o levou a percorrer este corpo por tão longo tempo. Vincent se perdeu nos pelos dourados, viveu como um peregrino de um seio ao outro, ao fio de noites e dias. Bêbado, dependente deste cheiro de onde retirava suas forças, mas que o matava pouco a pouco, como uma droga que queremos deixar, mas que nos proporciona tanto prazer.

Há pouco tempo, Vincent, que a esta altura se arrastava com sua enorme barba pelos doces caminhos da perna esquerda (que por esses dias tinha cheiro de jasmim), parou de repente. Um delicado zíper se aproximava com jeito de trem, e ele aproveitou a ocasião para fazer uma viagem. Percorreu um longo caminho vermelho, como os vastos campos de tulipas de seu país de origem.

A cintura, o colo, o pescoço. Ao fim de três dias, desembarcou. A escalada até a nuca começava. As inexploradas terras do pescoço. Os cabelos, o canto da orelha, uma pequena pinta, o canto da boca. Chegou.

Sentiu-se como no céu. Se podemos cair por terra no corpo de uma mulher, é no seu rosto que a gente se descobre vivo. Um sorriso, e toda a escuridão do mundo desaparece. Só pode ser aqui onde vem o sol, de manhã, recolher a luz para iluminar o dia. Vincent van den Vondel sentou-se, enfim, no canto do nariz. Sob aquelas duas estrelas – os olhos tinham a cor da noite sem lua –, recostou-se aliviado. Fechou seus olhos lentamente.

Neste momento, acima dele, um movimento começa. Um tímido ruído vem deslizando, tornando-se caudaloso, e um pequeno lago se forma ao seu redor. Um lago

salgado que se tornou rapidamente um pequeno riacho, depois um rio correndo com velocidade, turbulento. Uma queda d'água, uma cascata, e Vincent escorreu. Resta agora um fio cintilante, um traço molhado de vida que afogou um homem num corpo. Uma gota de mulher. Um homem morto percorrendo um corpo num fio de lágrima.